



Discurso

Speech

BENEDITO FIGUEIREDO: CENTENÁRIO DE UM MESTRE

BENEDITO FIGUEIREDO: A CENTURY OF A MASTER

Carinhosamente, cumprimento o muito estimado professor Benedito. Pessoa abençoada, a principiar pelo nome.

In memoriam, minha saudação à querida dona Dea. Foi-lhe a grande e única paixão. Juntos, escreveram história de amor invejável. Uma história com começo e meio. Sem fim.

Prezados familiares, extensão do clã dos Figueiredos. Autoridades, que acederam a seu convite. Professores, testemunhas que são da grandeza intelectual do festejado. Ex-alunos e amigos do professor.

Nossos pensamentos mais elevados, nossas ações mais dignas, nossos afetos mais verdadeiros, se formos indagar-lhes a fonte, nós a encontraremos, por certo, no coração de nossos pais.

Nesta tarde, a fechar o fevereiro de 2010, dia 28, o coração sorridente de pai é que nos fala. Permitam-me reproduzir-lhes um pouco do que habita o coração de meu melhor amigo, a quem tenho também por pai.

Convocou-nos ele para bendizermos a Deus. Bendizer, mais que tudo, é render graças,abençoar. Extremamente

generoso: isso o que Deus foi conosco, brindando-nos com esta comemoração centenária, de longe esperada.

Na marcha de nossos dias, aquilo que, de fato, faz com que nossa vida seja diferente é o estilo, o jeitão particular que imprimimos a ela. Soube o homenageado timbrá-la com traços singulares. Elejo três, para mim marcantes, a definirem sua personalidade: **generosidade, identificação com o magistério e seu constante bom humor**.

Nada, nada conhecemos do professor Benedito se desconhecemos sua **generosidade**: esta, andou sempre de braços dados com ele. Adivinhem se isto não é dele: carinho e caridade são vinho da mesma pipa, do mesmo tonel.

No convite que recebemos, algo à semelhança disto: amamos a Deus sobretudo dando um pouco do que temos aos que nada têm. Este o recado: fé sem obras é pura balela. Ou ainda: o homem é o que são suas ações. Reedita, convenhamos, aquilo que ensinava o grande padre Vieira: **palavras sem obra são tiro sem bala: não ferem**.

No pódio das qualidades que o distinguem, não menos relevante é sua **identificação com o magistério**. Esta, sua

segunda marca. Almoçava e jantava pensando em como ensinar melhor. Para não chegar atrasado a seus compromissos, dada a distância entre uma e outra escola, ia lecionar, isso nos idos de 1930, montado em seu inseparável pangaré. Gasolina, das boas, era o que não faltava ao Boneco, esse o nome do cavalo. E dá-lhe capim!

Amante da gramática, pouco se importando com o descabido demérito de que ela foi alvo nos últimos tempos. Jamais compactuou com os gramatiquinhos. Citando não sei qual autor, ponderou certa vez: a gramática não causa dano aos que por ela passam. No entanto, faz danos – e dos graúdos – aos que não passam dela. Por outras palavras, deve ela ser sempre o meio para a feitura de um bom texto, nunca um fim em si mesma.

Leitor apaixonado, isso ele foi. Em seu entender, um livro que não merece ser lido uma segunda vez, também não merece ser lido uma primeira.

Certo dia – quase vinte anos faz –, perguntei-lhe: professor, o verbo envelhecer, devo usá-lo com o pronome ou sem ele? Traduzindo em miúdos: digo eu **me** envelheço, ele **se** envelheceu – adicionando o pronome ao verbo – ou, simplesmente, eu envelheço, ele envelheceu, sem a bengala do pronome.

Sem titubear, tendo ele acentuado que não me daria de pronto a resposta, solicitou que o Joaquim, seu secretário-mor à época, fosse até sua estante e de lá trouxesse o livro Poesias, de Olavo Bilac. Retornando, repassou-me o manual. Quase a provocar, alfinetou o mestre: abra-o na página 224. Imaginem vocês se eu não fiquei boquiaberto. Até a página, ele sabia... E continuou: leia a terceira estrofe, não sem assinalar que ali, por três vezes seguidas, o próprio Bilac daria a resposta. Entre curioso e admirado, obedeci.

Não choremos, amigo, a mocidade!

Envelheçamos rindo! **Envelheçamos** como as árvores fortes **envelhecem**.

Não posso isto esconder: foi a aula mais fantástica que recebi em toda a minha vida. Matou a cobra e, **de chapa** – como dizem os cuiabanos ribeirinhos –, mostrou o pau.

Um terceiro aspecto ilumina a vida deste professor, raro em meio aos mais raros: seu **bom humor**, sua capacidade de tudo adocicar. Nada como nos entreter com algumas passagens, pinçadas da convivência mantida com ele.

Um aluno revelava péssimo aproveitamento em Português. A professora, dedicada sempre, queria corrigir um de seus não poucos erros – hoje a Pedagogia recomenda falemos de desvios, não mais de erros. Pois bem. Mandou-o escrever cem vezes o pretérito perfeito do verbo caber. Cem vezes! Afinal, era preciso que aprendesse: ele só dizia **cabeu**, em vez do correto coube. A tarefa deveria ser feita depois que as aulas terminassem, uma espécie de castigo.

O garoto, num piscar de olhos, entulhou a página de coube: coube, coube, coube... Uma enxurrada de coube. No finzinho, tomado de escrúpulos, deixou uma nota no

caderno da professora, já ausente: **Fessora, num escrevi cem vez por causa de que num cabeu**. Diria o bem-humorado Walmir, seu genro: sem comentário!

Para o professor, a palavra é a ponte que lançamos entre nós e os outros. Divertidamente, perguntava: por que **tudo junto** é separado, e **separado** é tudo junto? Por que **calça** você bota, e **bota** você calça? Concluía ele: lógica e língua são como água e óleo: não se misturam.

Quando alguém lhe disse ter gasto cinquenta reais para trocar a correia **dentária** do fusca, atalhou o mestre: menos você gastaria se tivesse procurado seu dentista. Em tempo: seu interlocutor tinha usado correia **dentária**, em vez de correia **dentada**, esta a forma adequada.

E aquela doméstica – juro que não foi a Adair: estou atravessando uma **frase** muito difícil, não tem mais **escondição**.

Outra teria afirmado: minha filha, coitadinha, foi operada da **pênis**, em vez do correto: foi operada do apêndice. Como brincam seus filhos – Maria Luísa, Cármen, Noíse, Olga, Neusa e Cesário –, tudo em respeito à Carta **Magda**. É que alguém, numa dúvida cruel, teria perguntado: seu Dito, o que é, afinal, essa tal de Carta **Magda**? Quem pagou o pato foi nossa Carta **Magna**!

Finalizemos. Por tudo isso, por causa de valores que não se vendem em qualquer botequim da esquina, estamos festejando o centenário de uma pessoa iluminada. No princípio de nossa fala, frisamos que ele é abençoado. A começar do nome, dissemos. Benedito nos vem do verbo latino **benedicere**. É seu particípio passado: **benedictus**. Significa abençoado. Significa protegido dos deuses. Querem mais? Acariciado pela sorte. Quando João Batista nasceu, seu pai, Zacarias, entoou-lhe um canto, iniciado com esta palavra: **benedictus**. É sinônimo de ação de graças. Seja bendito!!!

Se foi abençoado por Deus vida fora, soube nosso homenageado compartilhar essas bênçãos. Derramou-as especialmente sobre seus filhos, genros, netos e bisnetos. Assim como a mangueira deita frutos maduros no chão, fez chover luz sobre os que tiveram a felicidade de com ele conviver. Seus alunos que o digam...

Ao querido professor, a expressão de carinho de todos os presentes. Quanto a mim, e em nome da Lúcia, nosso obrigado filial. O que lhe devo, mestre, não tem preço.

A Deus, neste especialíssimo vinte e oito de fevereiro, nosso agradecimento. A Ele nós **bendizemos**, por nos tê-lo presenteado. Tão importante quanto, **bendizemos** a Deus por nos tê-lo conservado, índice desta incontida alegria que de nós toma conta.

Sua mensagem, professor, nós a levaremos conosco, pelos caminhos da vida. Fascinantes que sejam as palavras, são os gestos que agigantam a capacidade de encantar.

Seja **Benedito**, sempre, professor **bendito**!

Do amigo **Germano Aleixo Filho**.